

## A MULHER E A HQ:<sup>1</sup>

### Uma reflexão teórica sobre a representação feminina nos quadrinhos

Nara Bretas<sup>2</sup>

#### RESUMO

Com a emergência de discursos feministas e da luta pelo empoderamento da mulher, quadrinistas mulheres tem usado as Histórias em Quadrinhos (HQs) e o ambiente digital como espaços de enunciação, onde elas constroem uma imagem de si, como mulheres e artistas, a fim de se representar e se fazer representadas. Neste contexto, surgiu a série *Mulheres*, da ilustradora Carol Rossetti. Na obra, divulgada inicialmente em sua página do *Facebook*, Carol começou a desenhar mulheres, reais e fictícias, com a proposta de uma abordagem inclusiva. Ou seja, retratar, a partir de uma perspectiva feminista, mulheres de forma a representa-las em seus mais variados corpos, identidades, etc. Pensando nisto, este artigo faz uma reflexão teórica sobre a representação da mulher nos quadrinhos, a partir da série de Rossetti.

**PALAVRAS-CHAVE:** História em Quadrinhos. Feminismo. Gênero. Representação. Mulheres.

#### Women and Comics:

#### A theoretical reflection on female representation in Comics

#### ABSTRACT

With the emergence of feminist discourses and the struggle for the empowerment of women, female comics authors have used Comics (HQs) and digital environment spaces of enunciation, where they construct an image of themselves as women and artists, in order to represent themselves and to be represented. In these circumstances, the *Mulheres* series, by illustrator Carol Rossetti appeared. In the work, initially disclosed on her Facebook, Carol began to draw women, real and fictional, with the proposing of an inclusive approach. Which means, portraying, from a feminist perspective, women and represent the diversity of their bodies and identities. With this in mind, this article makes a theoretical reflection on the representation of women in comics based on Rosetti's works.

**KEY WORDS:** Comic. Feminism. Genre. Representation. Women.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 2 – Diversidades, processos sociais e comunicacionais

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação; narabretaslage@hotmail.com

## Introdução

A importância desta pesquisa está na relevância dos assuntos abordados, visto que, discutir a representação do eu-mulher nos quadrinhos, sob uma ótica feminista, é uma tentativa de promover reflexões por vezes deixadas de lado em estudos de HQs e de gênero. Para isto, traçamos um breve, e também inicial, panorama histórico das mulheres nas HQs a fim de entender o cenário em que as artistas vêm se estabelecendo no país. Outro ponto tratado é a contextualização sobre a obra *Mulheres* e sua criadora, para que assim seja possível entender um pouco do universo por trás da obra, e então refletir sobre a questão da representação da mulher nos quadrinhos.

## A Mulher e a HQ

Ao tratar a temática da mulher na indústria das HQs, Trina Robbins (2008) diz que, desde o surgimento do mercado dos quadrinhos até os dias atuais, elas são muitas vezes representadas por e para os homens. Em relação à evolução das personagens feministas na indústria do quadrinho mundial, como em Luyten, 2002; Kallol, 2015; Oliveira, 2007; há a consenso de que, à medida que os movimentos feministas e de liberação da mulher eclodiram ao redor do mundo, as personagens mulheres dos quadrinhos passaram a ter maior destaque e visibilidade. O que fez com que algumas conquistassem pela primeira vez revistas próprias, como é o caso da Mulher Maravilha.

Entretanto, os autores também ressaltam que, nos quadrinhos contemporâneos, este cenário vem passando por mudanças, já que muitos HQs reposicionam as mulheres colocando-as em um papel de emancipação. Contudo, baseado nas ideias de Branco e Brandão (1989), entendemos que as personagens feministas concebidas por homens não representam as mulheres, visto que também foram baseadas em visões machistas do momento em que surgiram. Visão compartilhada por Siqueira e Vieira (2009), que ponderam que as personagens mulheres criadas por homens ao longo da história são, muitas vezes, representações das visões machistas de seu tempo e, por isto, aparecem retratadas de forma estereotipada, sexualizada e com a uma personalidade ingênua e romântica. Assim, apesar de entender a importância das pesquisas que abordam a retratação feminina por artistas homens, o que nos interessa neste trabalho é a representação da mulher feita por

quadrinistas mulheres. É importante destacar que, quando falamos em “quadrinistas mulheres”, nos referimos a ilustradoras, cartunistas, chargistas, roteiristas, editoras, etc.

Vale ressaltar que, neste trabalho, consideramos que as representações “apontam para um desejo social, produzem normas e revelam sistemas de valores” (CHARAUDEAU, 2013, p. 47). Além disso, a partir das idéias de Arfuch (2003), entendemos as narrativas de si, chamadas pela autora de Narrativas Autobiográficas, como lugar em que se desenham as narrativas singulares, vivenciadas e auto-vivenciadas, a partir dos relatos de uma vida que vão revelar os atos coletivos. Ou seja, são relatos individuais, mas ao mesmo tempo coletivos, uma vez que vários sujeitos podem se identificar com os mesmos, já que eles oferecem uma imediata possibilidade de auto-reconhecimento. Assim, no caso específico deste trabalho partimos do princípio de que, ao construírem personagens mulheres as quadrinistas estão construindo-as a partir de realidades e vivências<sup>3</sup> conhecidas por elas, a partir da idéia do eu-mulher. Neste sentido, entendemos o espaço biográfico, como uma

Confluência de múltiplas formas, gêneros e horizontes de expectativas – supõe um interessante campo de indagações. Permite uma consideração de especificidades respectivas sem perder de sua dimensão relacional, sua interatividade temática e pragmática, seus usos nas diferentes esferas da comunicação e da ação (ARFUCH, 2003, p. 58-59).

Essa construção do eu-mulher nas várias formas de mídia, no caso específico deste trabalho nos quadrinhos, é feita a partir do que Charaudeau e Maingueneau (2014) entendem como *ethos* discursivo, ou seja, uma referência às modalidades verbais da representação de si na interação verbal. Para eles, o *ethos* “designa a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seu alocutório” (CHARAUDEAU, MAINGUENEAU, 2014, p. 220). Neste sentido, eles entendem que o enunciador deve legitimar seu dizer, atribuindo-se uma posição institucional marcando assim sua relação a um saber. Segundo os autores, o *ethos* pode também ser traduzido no tom, que tem relação tanto com o escrito como com o falado, e pode ser associado à “dupla figura do enunciador”, que possui tanto um caráter como uma corporalidade.

---

<sup>3</sup> Arfuch (2003) cita Gadamer (1977) para falar que a vivência é a vida voltada para algo “além de si mesma”. O vivido é, segundo a autora, vivido a todo o momento por “nós mesmos”, e tem relação com a vida como um todo. Ou seja, a vivência é “pinçada” do segmento da vida no mesmo momento que faz referência ao seu todo. “Esse *além* de si mesma de cada vida em particular é talvez o que ressoa, como inquietude existencial, nas narrativas autobiográficas” (ARFUCH, 2003, p. 39).

## O cenário brasileiro da mulher e a HQ

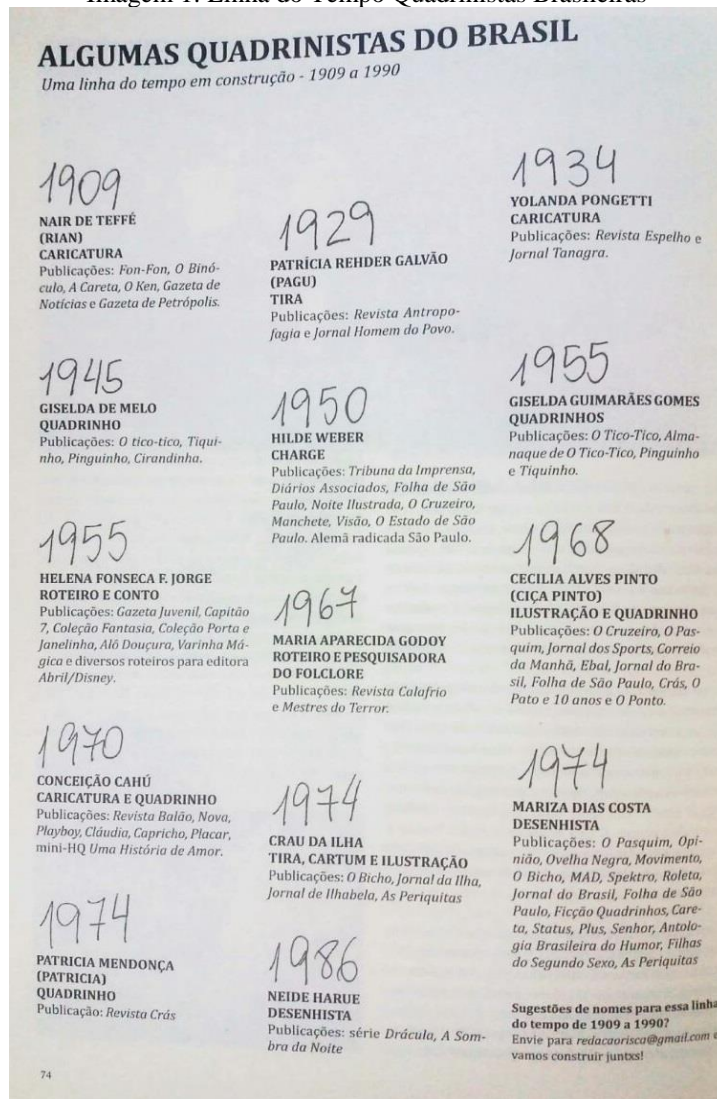
No Brasil, não existem livros ou artigos acadêmicos que façam o levantamento histórico e bibliográfico das HQs produzidas por mulheres. Mesmo assim, alguns trabalhos que transitam pela temática das mulheres e a HQ foram publicados, como, por exemplo, Bernardi (2016); Fonseca, Coan e Horta (2015); Luyten (2002), e nestes há a concordância de que Nair de Teffé (1886-1981), que assinava sob o pseudônimo de Rian, é a primeira quadrinista de que se tem registro no País. Filha do Barão de Teffé e esposa do então presidente Marechal Hermes da Fonseca, Teffé começou sua carreira em Paris em 1909 fazendo *portraits-charges* predominantemente políticas. Entretanto, dar como certo o pioneirismo de Nair, é ignorar o fato de que nos primórdios dos quadrinhos, muitas mulheres assinavam seus trabalhos com pseudônimos e que outras pelo preconceito e o machismo de suas épocas, tinham seus trabalhos publicados em cenas independentes, fatos estes que podem dificultar o levantamento e registro destas obras.

A título de definição, neste trabalho, assim como as artistas da revista *Risca!*(2015), falaremos em precursoras das HQs no País e não em pioneiras, uma vez que não há material bibliográfico suficiente para assegurar essa afirmação. Poucos são também os registros das obras de quadrinistas nos anos iniciais da nona arte no Brasil. Um dos únicos levantamentos deste gênero foi feito em uma linha do tempo<sup>4</sup> por Fonseca, Coan e Horta (2015), que apresenta as mulheres quadrinistas brasileiras de 1909 a 1990 (ver Imagem 1). Entretanto, como o objetivo deste trabalho não é o levantamento histórico destas artistas, falaremos aqui brevemente sobre algumas daquelas que são destaque, para então partirmos para uma abordagem mais contemporânea sobre as quadrinistas mulheres no Brasil e as mulheres desenhadas por elas, mais especificamente da cena das artistas de HQ em Belo Horizonte, cidade onde reside Carol Rossetti.

---

<sup>4</sup> Vale ressaltar aqui que, apesar de fazer apenas uma breve introdução de nomes de mulheres quadrinistas da *Revista Risca!*, as autoras trazem mais informações sobre tais artistas no site do *Lady's Comics*, bastando apenas efetuar uma busca pelos nomes destas artistas de HQs. Ainda assim, percebe-se a necessidade de um aprofundamento em relação à estas mulheres e seus trabalhos, já que se trata apenas de um levantamento inicial destas informações.

Imagem 1: Linha do Tempo Quadrinistas Brasileiras



Fonte: Revista Risca! (2015)

Outra artista apontada como precursora da HQ no país é Patrícia Rehder Galvão (1910-1962), a Pagu, conhecida escritora, poeta, desenhista, cartunista, jornalista e militante política brasileira. Pagu lançou juntamente com seu marido, o escritor Oswald de Andrade, o jornal semanário *O Homem do Povo*, em 1931, em que publicou as oito tiras conhecidas de sua série *Malakabeça, Fanika e Kabelluda*. Sua personagem *Kabelluda* é considerada por muitos um alter ego da artista, já que ela era vista como uma mulher além de seu tempo por não obedecer aos estereótipos esperados para uma mulher de sua época. Militante comunista, Pagu foi também a primeira mulher presa por motivações políticas no Brasil, razões estas que também levaram *Kabelluda* à prisão em uma de suas tiras (ver

Imagem 2). De acordo com Arfuch (2003), a vida não existe antes da narração. Para a autora, a narração de uma vida não representa algo que já existe, ela impõe forma e sentido a vida a partir da narração. Vemos no trabalho de Pagu, portanto, um exemplo de uma quadrinista mulher apresentando uma personagem feminina a partir de suas vivências, construindo um eu-mulher na representação de Kabelluda, que rompe com o padrão de sua época a partir de sua narrativa de vida.

Imagem 2: Tira da série *Malakabeça, Fanika e Kabelluda*. PAGU, 1931.



Fonte: *Lady's Comics*

Outra artista destaque nos quadrinhos no Brasil é Hilde Weber (1913-1994). De origem alemã, ela fez um trabalho inédito no País, a reportagem desenhada. Em 1950, integrou a recém-fundada *Tribuna da Imprensa*, no Rio de Janeiro, trabalhando como chargista a convite de Carlos Lacerda. As caricaturas de Getúlio Vargas e a crítica política são símbolos da obra da artista. Uma das brasileiras mais conhecidas entre as mulheres produtoras de quadrinhos é Cecília Alves Pinto<sup>5</sup>, a Ciça. Com sua tira *O Pato*, publicada no jornal *Folha de S. Paulo* de meados dos anos 1970 até 1985, Ciça também foi colaboradora do *Pasquim*, na primeira e na segunda fase daquele jornal, e por 20 anos publicou seus trabalhos em grandes jornais brasileiros. Em 2009, ganhou o 21º Troféu HQ Mix na categoria "Grande Mestre".

Segundo Fonseca, Coan e Horta (2015), em sua série *Bel*, do suplemento feminino da *Folha*, Ciça usava sua vivência com a filha, para produzir as tiras (ver Imagem 3).

<sup>5</sup>Disponível em: <http://ladyscomics.com.br/elc/portfolio/cica-pinto/> Acesso: 27 de outubro de 2017.

Vemos, neste caso, um registro do que Arfuch (2003) considera “fábula da (própria) vida”. Ou seja, a vida narrada uma e outra vez, constituindo em verdade o objeto de toda narrativa autobiográfica. Ao usar o quadrinho como espaço biográfico, portanto, Ciça encena o *ethos* discursivo para legitimar seu dizer como eu-mulher e mãe, levando assim leitoras a se identificar com a narrativa de vida apresentada, reconhecendo a si mesmas nas mulheres da tira em suas relações mãe e filha.

Imagem 3: TiraBel, Ciça Pinto.



Fonte: Lady's Comics

Maria Cláudia França Nogueira, mais conhecida como Crau da Ilha, começou seu trabalho nos anos 70 com o quadrinho underground, e publicou suas obras inicialmente na revista *O Bicho*. Em 1997 idealizou a revista *Piriquita*, obra de humor gráfico que reunia apenas artistas mulheres<sup>6</sup>, mas o periódico não chegou a ser editado na época, sendo lançado apenas em 2014 como revista-livro *As Piriquitas*, que teve como destaque a entrevista com a cartunista Laerte (ver Imagem 4). A concepção de *Piriquita*, em 1994, é considerada neste trabalho um exemplo de que as mulheres quadrinistas, já neste período, buscavam formas de inserção no mercado de HQ e reconhecimento do trabalho das artistas mulheres.

<sup>6</sup>Disponível em: <http://ladyscomics.com.br/elc/portfolio/crau-da-ilha/> Acesso: 27 de outubro de 2017.

Imagem 4: *As Piriqitas*



Fonte: *Lady's Comics*

Outro nome de peso no quadrinho nacional é Laerte Coutinho (1951), cartunista e chargista transgênero brasileira. Com trabalhos publicados desde os anos 70 em veículos como a *Balão* e *O Pasquim*, *Chiclete com Banana*, *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, Laerte criou diversos personagens, como os *Piratas do Tietê* e *Overman*. De acordo com Ramos (2014), Laerte passou a se vestir e a referir a si com adjetivos femininos por volta de 2009, no mesmo período em que o personagem principal de sua série *Hugo* também aderiu ao travestimento, em uma tira divulgada no ambiente digital (ver Imagem 5). Em 2010, Laerte se assume publicamente como mulher transgênero, e passa a retratar em suas obras vivências de pessoas *trans* e a debater questões de gênero. Em relação ao vivido e sua imeditiabilidade, Arfuch (2003) diz se traduzir em uma voz que testemunha algo somente conhecido por ela. Ao relatar a experiência de uma mulher transgênero, portanto, Laerte se coloca como esta voz, acionando o *ethos* para falar de algo que ela conhece, o que pode gerar o reconhecimento de leitoras com esta narrativa.



Imagem 5: *Hugo*



Fonte: <http://judao.com.br/o-misterioso-labirinto-da-obra-de-laerte/>

Luyten (2002) acredita que, durante praticamente todo o período exposto até aqui, mulheres quadrinistas também divulgavam suas obras no universo independente dos quadrinhos como, por exemplo, em *Fanzines*. Além disso, de acordo com a autora,

(...) na década de 1990 e 2000, porém, ocorre uma mudança com a participação das mulheres no cenário dos quadrinhos brasileiros. Começam a surgir muitas jovens desenhistas através de publicações independentes e *franzinas* na linha do Manga, os quadrinhos japoneses. De início, tímidas, mais na linha imitativa do que criativa, pouco a pouco vão conquistando seu lugar também com novas propostas de roteiro retratando os problemas do cotidiano, das cidades quer de forma realista ou de ficção científica. Esta nova geração de desenhistas brasileiras do novo milênio se utiliza de outros meios, como a internet para difundir sua voz e sua estética. E são elas que estão preenchendo o espaço do mercado nacional de quadrinhos com novas propostas editoriais desenhando uma nova figura da mulher e colocando nos balões a fala que representa a juventude do país tentando sair dos estereótipos saídos da pena masculina (LUYTEN, 2002, p. 5).

Entende-se, portanto, as narrativas sequenciais, “como outras formas de comunicação, transmitem valores que variam de sociedade para sociedade, em um processo de socialização que ultrapassa fronteiras físicas e alcança o mundo digital, por meio da internet” (SIQUEIRA; VIEIRA, 2008, p. 181-182). Desta maneira, Trina Robbins (2008) afirma que a internet é o mais novo local para encontrar quadrinhos feitos por mulheres, pois, atualmente, apenas com um computador e uma fotocopiadora, qualquer pessoa com uma mensagem pode produzir seu próprio quadrinho. Além disso, segundo a autora, elas estão disponibilizando suas HQs neste ambiente, pois ali podem ser lidos por qualquer pessoa com acesso a um computador.

A partir destas premissas, podemos afirmar que as mulheres sempre fizeram e consumiram quadrinhos. Nos anos iniciais, entretanto, a publicação HQs feitos por mulheres era assinada, predominantemente, a partir de pseudônimos. Além disso, consideramos nesse trabalho, que as mulheres sempre se representaram nas HQs de forma a narrar suas vivências e experiências a partir de uma perspectiva, mesmo que inconscientemente, feminista e mais real. Certamente, esta afirmação deve levar em conta a época em que cada trabalho foi publicado, e o que era revolucionário para as mulheres destes períodos. Como todas as formas de mídia e arte, “as Histórias em Quadrinhos, tem como característica a materialização representativa da sociedade da qual está inserida” (GEREZ, 2005, p. 15). Consideramos, também, a hipótese reforçada por Arfuch (2003) de que, nestas narrativas ficcionais de auto-reapresentação o que importa,

Não é tanto a “verdade” do ocorrido, mas sua construção narrativa, os modos de (se) nomear no relato, o vaivém da vivência ou da lembrança, o ponto do olhar, o que deixa a sombra; em ultima instância, que história (qual delas) alguém conta de si mesmo ou de *outro eu*. E é essa qualidade autoreflexiva, esse caminho da narração, que será, afinal de contas, *significante*. No caso de formas testemunhais, tratar-se-á, além disso, da verdade, da capacidade narrativa do “fazer crer”, das *provas* que o discurso consiga oferecer, nunca fora de suas estratégias de verificação, de suas marcas enunciativas e retóricas (ARFUCH, 2003, p. 73, grifos da autora).

Entendendo a importância da historicidade, Ecker e Steiner (2016) afirmam que a internet se tornou crucial para as organizações feministas atuais. Para elas, os principais grupos feministas do mundo se fazem presentes no ambiente digital. Espaço este que também fundamental para a emergência das mulheres quadrinistas. Por isso, entendemos que os discursos feministas e o cotidiano feminino que emergem delas, são reflexos do momento e do contexto cultural e social em que foram construídas. A diferença entre os anos iniciais e o período atual é que, anteriormente, o mercado independente e as *fanzines* tinham menos visibilidade e alcance, e hoje com a o ambiente digital e as redes sociais digitais, as HQs produzidas por mulheres conseguem um alcance maior e com mais destaque. Mesmo que grandes editoras não demonstrem interesse em divulgar estes trabalhos, elas conseguem publicar livros contendo suas obras a partir de plataformas de financiamento coletivo como o Catarse<sup>7</sup>. Partindo destas perspectivas, apresentaremos o contexto atual das mulheres nas Histórias em Quadrinhos de Minas Gerais, mais

<sup>7</sup><http://ladyscomics.com.br/representacao-das-mulheres-nas-hqs> Acesso em: 05 de outubro 2017.

especificamente em Belo Horizonte (BH), cidade em que reside a autora da série *Mulheres*, objeto deste trabalho.

### **O cenário belo-horizontino de mulheres e HQs**

Com obras inseridas no ambiente digital, as artistas mineiras, assim como muitas quadrinistas contemporâneas, buscam apresentar a partir de suas obras mulheres mais próximas de como gostariam de ser representadas, a partir de vivências de si e de outras mulheres, muitas vezes usando no discurso de suas HQs o feminismo e a busca pelo empoderamento das mulheres. Assim, elas abordam temáticas caras ao universo feminino, que geralmente não aparecem nas grandes editoras.

Na cidade de Belo Horizonte - MG, o cenário dos quadrinhos é forte. Um exemplo é a realização bienal do Festival Internacional de Quadrinhos (FIQ), principal evento voltado aos HQ na América Latina. De acordo com Bernardi (2016), na edição mais recente, que ocorreu em 2015, entre as 36 mesas, palestras, conversas e atividades envolvendo quadrinistas, as mulheres foram atração em 29 e em 14 foram mediadoras, fazendo, portanto, parte de 80% das atrações do festival. Segundo a autora, 36 mulheres quadrinistas foram parte da programação fixa do FIQ 2015, sendo a maioria de brasileiras. Neste contexto, as quadrinistas tem buscado formas de se organizar e dar visibilidade as HQs produzidas por mulheres também na capital mineira. Uma das formas encontradas por elas é a criação de grupos e/ou coletivos de artistas com o intuito de informar sobre mulheres que produzem narrativas sequenciais em todo o mundo. Inseridas neste contexto de Minas Gerais, estão os coletivos *Lady's Comics: HQ não é só para o seu namorado*<sup>8</sup>, e o *ZiNas*<sup>9</sup>.

Criado em 2010, o *Lady's Comics* nasceu da iniciativa de três quadrinistas residentes em Belo Horizonte, Mariamma Fonseca, Luciana Cafaggi e Samanta Coan. O *blog* surgiu da necessidade que as artistas perceberam no mercado de quadrinhos em encontrar no ambiente virtual um espaço para discussão e exposição das ilustradoras e quadrinistas. Além disso, com o intuito de reunir e dar visibilidade aos trabalhos de autoras brasileiras, o *Lady's* organizou o *Banco de Mulheres Quadrinistas* (BAMQ!), um sistema de auto-

---

<sup>8</sup>Disponível em: <http://ladyscomics.com.br/> Acesso: 27 de outubro de 2017.

<sup>9</sup>Disponível em: <http://zinaszineiras.wixsite.com/zinas> Acesso: 27 de outubro de 2017.

cadastro em que as artistas se registram (de acordo com nome, assinatura, cidade, estado e função), conhecem o trabalho de outras quadrinistas, e também auxiliam na preservação da memória das HQs. Além disso, LCs produziu o primeiro evento sobre mulheres e quadrinhos no Brasil, o *Encontro Lady's*<sup>10</sup> e também um minidocumentário *A representação das mulheres nas HQs*<sup>11</sup>.

Com uma proposta parecida, o *ZiNas* surgiu em 2014, e é um coletivo formado por 6 artistas mineiras: Aline Lemos, Ana Schirmer, Carol Rossetti, Day Lima, Carolita Cunha e Prisca Paes. Buscando relacionar seus trabalhos com movimentos feministas e de cultura *underground*, as *Zineiras*, como chamam a si mesmas, procuram se inserir em eventos de quadrinhos e cultura independente. Através da participação em feiras e exposições, portanto, elas buscam debater experimentalismos gráficos e temáticas feministas. Além disso, o grupo lança *zines* feministas de tempos em tempos, com trabalhos produzidos por elas e outras quadrinistas colaboradoras (ver Imagem 6).

Inserida neste contexto está Carol Rossetti, que além de publicações no *ZiNas* também disponibiliza seus trabalhos e séries de tiras em sua página do *Facebook*<sup>12</sup>. Neste sentido, a fim de entendermos um pouco mais sobre a autora por trás da obra, e as motivações que a levaram a produzir quadrinhos com discursos feministas, apresentamos no tópico a seguir um breve perfil de Rossetti e explicitação em relação série *Mulheres* a partir da perspectiva da representação social do eu-mulher e do Feminismo Interseccional, vertente do movimento com a qual Carol se identifica.

---

<sup>10</sup><https://www.facebook.com/pages/Primeiro-Encontro-Ladys-Comics/277705429095949?fref=ts> Acesso em: 05 de outubro 2017.

<sup>11</sup><http://ladyscomics.com.br/representacao-das-mulheres-nas-hqs> Acesso em: 05 de outubro 2017.

<sup>12</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/carolrossettidesign/> Acesso em 27 de outubro de 2017.

Imagem 6: “Zine das Zinas”, Edição Aborto.

Fonte: ZiNas<sup>13</sup>

### Carol Rossetti e suas *Mulheres*

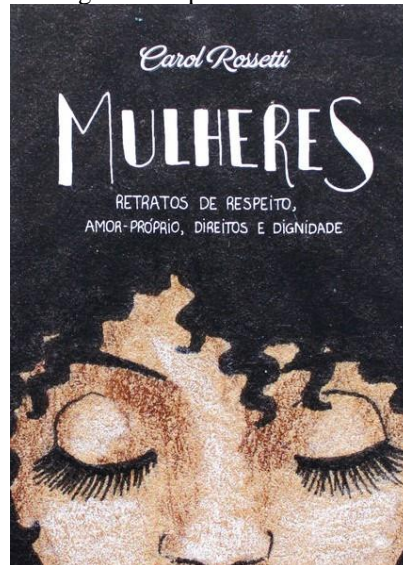
Designer Gráfica por formação, Carol Rossetti é uma ilustradora feminista de Belo Horizonte, cujos principais trabalhos autorais são as séries *Mulheres* e *Cores*, ambas com grande repercussão no ambiente digital. Com obras marcadas pelo uso da aquarela, Rossetti também trabalha com artes comissionadas, ilustrações de livros e participação em eventos, bem como postais e prints vendidos em sua loja virtual<sup>14</sup>. Além disso, Carol é sócia do estúdio de Café com Chocolate Design, onde, em conjunto com seus dois sócios, divulga a maior parte de seu acervo de forma gratuita em seu *site* e em suas redes sociais digitais. Além disso, a ilustradora teve trabalhos expostos no *TED Women 2015*, em Monterey, e palestra ministrada no *TEDx Vinhedo 2015* e foi destacada pelo *Facebook Stories* como exemplo de mulher atuante.

<sup>13</sup>Criado em 2011, o Catarse é a primeira e maior plataforma de *crowdfunding* brasileira. De acordo com Bernardi (2016, p. 18) “O financiamento coletivo é um caminho para que pessoas desenvolvam um projeto e coloquem um valor como meta – o público, por sua vez, escolhe apoiar financeiramente os projetos e, caso estes atinjam o valor desejado, eles podem então se tornar realidade”. Desde sua criação até novembro de 2016, 18, 232 projetos na categoria de quadrinhos tiveram o financiamento feito a partir do *Catarse*. Destes, 35 eram projetos de autoria feminina. Disponível em: [https://www.catarse.me/?ref=ctrse\\_header](https://www.catarse.me/?ref=ctrse_header) Acesso em: 27 de outubro de 2017.

<sup>14</sup>Disponível em: <http://cafecomchocolate.tanlup.com/> Acesso em 27 de outubro de 2017.

A série *Mulheres*, nasceu em 2014 em uma tentativa da autora em se “obrigar” a fazer um desenho por dia. A proposta era retratar mulheres, reais e fictícias, a partir de uma perspectiva feminista e inclusiva. Inicialmente divulgado no *Facebook*, o trabalho de Rossetti ganhou o mundo, e foram traduzidas para o inglês e Espanhol. Com tanta visibilidade, Carol concebeu entrevistas para veículos midiáticos nacionais e internacionais, como a CNN, a *Cosmopolitan* e a *Huffington Post*. O sucesso da série chamou atenção de editoras, o que levou, em 2015, à publicação do livro (ver Imagem 7) no Brasil pela *Sextante*, e a venda dos direitos da obra para países como Estados Unidos, Espanha e México.

Imagem 7: Capa Livro Mulheres



Fonte: Café com Chocolate Design

A versão impressa traz todos os seus “retratos”, e inclui também textos sobre as temáticas centrais tratadas em suas ilustrações, como corpo, estilo, identidade, relacionamento e ilustração. Na introdução da obra, Rossetti diz se identificar com o Feminismo Interseccional que, para ela,

significa que não acho suficiente lutar contra o machismo propriamente dito. Acredito que a luta só é eficiente se for inclusiva e construir um ambiente seguro para todas as mulheres, e para isso acontecer é preciso levar outras questões em consideração e considera-las parte inseparável do feminismo. Pessoas de várias etnias devem ser incluídas e o racismo deve ser combatido. Pessoas com necessidades especiais devem ser incluídas e os desafios devem ser levados em consideração. Pessoas trans devem ser incluídas e a transfobia deve ser repudiada. Pessoas

homossexuais, bissexuais, pansexuais, assexuais devem ser incluídas e a diversidade sexual deve ser combatida. Pessoas com doenças mentais devem ser incluídas e o estigma que elas carregam também deve ser colocado em questão. (ROSSETTI, 2015, s/p).

Rossetti (2015) afirma que, apesar de ter uma abordagem sempre inclusiva, ela tem a consciência de que muitas pessoas não foram representadas em seu trabalho. Mas que, mesmo fazendo o possível para representar pessoas da forma mais diversa possível, e buscar inspirar outros a ampliarem estas representações em seus trabalhos, ela certamente não tem a pretensão de sozinha trazer a visibilidade necessária a todos.

A representação é uma questão muito debatida dentro do feminismo. Quão ampla ela precisa ser? Quem o feminismo deve incluir e excluir? Quem pode, de fato, dizer como essa luta deve ser conduzida? Os homens devem ser ouvidos também? As pessoas devem ser mais ou menos ouvidas dependendo do quão oprimidas sejam? Não tenho resposta pronta para essas questões. Não sou a pessoa que vai determinar o que é ou não feminismo: eu tenho uma voz, mas não sou a voz do movimento (ROSSETTI, 2015, s/p).

Neste sentido, uma discussão sobre gênero e feminismo é necessária. Para Connell (2015, p. 47) “o gênero é uma questão de relações sociais dentro das quais indivíduos e grupos atuam”. Connell (2016, p. 36) ressalta que “os movimentos feministas lutam por mudanças nas identidades, e para que mulheres acessem esferas de ação tomadas por homens”, realidade esta vivida atualmente pelas mulheres no mercado editorial dos quadrinhos. Assim, Arruda (2000) afirma que as teorias feministas repercutem as transformações pelas quais o mundo passa. Segundo a autora, as teóricas feministas destacam a relevância do contexto cultural histórico e emocional dos comportamentos sociais para estas pesquisas.

Ainda sobre movimento feminista, Arruda (2000, p. 113) entende que ele foi “um dos responsáveis pela politização da vida privada, ao desvendar as relações de poder embutidas no convívio entre homens e mulheres, na família, na cama, além da esfera pública em geral”. É o que também diz Connell (2016), ao considerar que grande parte das questões de gênero são de ordem patriarcal, ou seja, construída a partir dos privilégios para os homens ao passo que a mulher, enquanto grupo, é colocada em posição de subordinação e determinada por sua capacidade de “procriar”. Por isso, a autora acrescenta que é importante observar a formação de identidades coletivas em diferentes movimentos de mulheres, que no caso específico deste trabalho, seria a organização de mulheres

quadrinistas em coletivos feministas e a busca pela representação no universo dos quadrinhos.

Citando Simone de Bovoier e sua ideia de que a mulher não nasce mulher, torna-se, Mackinnon (2016) reflete sobre o que define então uma mulher como tal.

O que define a mulher como tal é o que excita os homens. Meninas boas são “atraentes”, meninas más são “provocativas”. A socialização de gênero é o processo por meio do qual mulheres passam a identificar a si próprias como seres sexuais, como seres que existem para homens. É o processo por meio do qual as mulheres internalizam (tornam delas mesmas) uma imagem masculina da sua sexualidade como sua identidade como mulheres. (MACKINNON, 2016, p. 821).

Também discutindo a questão da identidade coletiva, Charaudeau e Maingueneau (2014) falam em representação social, que para eles são configuradas em discursos sociais testemunhados, seja em relação ao saber de conhecimento do mundo, ou ainda sobre o saber de crenças que fecham sistemas de valores, a partir dos quais os indivíduos se beneficiam para pensar/julgar a realidade. Para eles, os discursos sociais são configurados de maneira explícita e objetiva, por imagens palavras ou expressões, ou de maneira implícita e por alusão, como em discursos publicitários. “Esses discursos de conhecimento e de crença desempenham um papel identitário, isto é, constituem a mediação social que permite aos membros de um grupo constituírem uma consciência de si e que parte de uma identidade coletiva” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 433).

Pensando no caso específico da mulher,

Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente construídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (BUTLER, 2003. p. 20).

Foi pensando nestas questões que o feminismo interseccional surgiu. Hirata (2014), afirma que a teoria interseccional foi desenvolvida em países anglo-saxônicos, na herança do feminismo negro, no início dos anos 1990, fruto das ideias de Kimberlé Crenshaw e



pesquisadoras inglesas, norte-americanas, canadenses e alemãs, a partir de uma idéia interdisciplinar.

A interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual. O enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais (BILGE, 2009, p. 70).

Ou seja, uma mulher, nunca é apenas uma mulher. Ela faz parte de esferas sociais que podem desfrutar de privilégios e/ou opressões dos mais variados tipos, como gênero, raça, cultura, sexualidade, etc. Por isto, para o feminismo interseccional, é fundamental debater e apontar todos estes privilégios, e entender que a opressão não é igual para todas as mulheres. Nesse contexto, Bernardi (2016) considera importante discutir outras formas de falar sobre o preconceito “almejando desenvolver, em grupos privilegiados, a consciência de sua opressão para, então, lutarem contra ela (...) quadrinhos podem ser poderosos meios de fala para grupos oprimidos que almejam ter suas vozes ouvidas” (BERNARDI, 2016, p. 41).

Consideramos, assim, que ao se propor a representar em suas HQs mulheres sob uma perspectiva interseccional do movimento feminista, Carol Rossetti apresenta grande parte destes vários discursos sociais que permitem às mulheres constituírem uma consciência de si e uma consciência coletiva a partir do conhecimento de mundo, dos saberes, valores e crenças com os quais tiveram contato e/ou testemunharam. Além disso, entende-se que em sua obra *Mulheres: Retratos de Respeito, Amor Próprio Direitos e Dignidade*, a ilustradora considera a necessidade de representatividade para todas as identidades individuais e coletivas de mulheres, bem como os variados tipos de opressão e privilégios vivenciados por ela e outras mulheres, os quais ela de alguma forma foi testemunha. Assim, a artista usa em seus trabalhos as narrativas autobiográficas, a partir de uma encenação do *ethos* discursivo, bem como faz uso em suas narrativas de marcas enunciativas e retóricas para “fazer crer”.

No livro, mais especificamente, Rossetti traz cerca de 130 retratos de mulheres, sendo que alguns apresentam mais de uma mulher, enquanto outros mostram retratos individuais. Divididas em seções como: corpo, moda, identidade, escolhas, amores e valentes. Cada um destes tópicos traz uma breve introdução feita pela autora onde ela explica a proposta das ilustrações inseridas em cada um dos tópicos. Estes pequenos textos, assim como os retratos, trazem discursos de empoderamento e auto aceitação para as mulheres, em um reforço à beleza da diversidade e das diferenças sobre a ótica das narrativas vivenciais.

Considerando que o corpus de pesquisa utilizado foi coletado no ambiente digital, mais especificamente em uma página do *Facebook*, a análise foi construída a partir do que Fragoso, Recuero e Amaral (2013, p. 78) chamam de amostra Intencional, “amostras qualitativas cujos elementos são selecionados conforme critérios que derivam do problema de pesquisa, das características do universo observado e das condições e método de observação e análise”. Para isto, serão trabalhados os subtipos por critério, em que, para Fragoso, Recuero e Amaral (2013, p. 80), “são selecionados os elementos que apresentam uma determinada característica ou critério prédefinido” e o teórico ou conceitual no qual “a seleção é dirigida por construções teóricas relativas ao problema de pesquisa” (FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2013, p. 80).

Assim, entendendo que um artigo acadêmico é um espaço limitado para a análise de todas as ilustrações da série. Optamos por uma apresentação mais geral de todas as partes do livro, bem como a exposição de uma ilustração de cada seção, seja por apresentar um destaque feito pela própria autora, explicando o desenho, por contextualizar mais de uma mulher, por retratar personagens reais, e também de acordo com o acervo digital disponível em sua página do *Facebook*. Na seção em que apresenta ilustrações sobre o *Corpo* feminino, Rossetti escreve que a mulher é levada a creditar ao longo da vida que seu sucesso é ligado a beleza.

**O que proponho nas ilustrações do projeto Mulheres é desconstruir essa ideia. Não há forma única de ser bonita nem a beleza deveria ser o foco da autoestima feminina.** Ninguém deveria ser constantemente avaliado pela aparência a partir de um padrão excludente e essa pressão tem que acabar. Depilação, elegância, dietas, maquiagem: tudo isso é escolha, e não obrigação. No nosso corpo, quem manda somos nós. (ROSSETTI, 2015, s/p, grifos da autora).

É aqui que ela apresenta uma das poucas personagens reais da série, Whitney Thore (ver Imagem 8), uma norte americana que ficou conhecida internacionalmente por seus vídeos de dança no *Youtube*, e também por seu reality show *My Big Fat Fabulous Life*. No discurso do retrato tanto de Whitney como nos demais deste “capítulo”, vemos um reforço à aceitação de corpos femininos que rompem com os padrões impostos pela sociedade, bem como um discurso de empoderamento da mulher e de suas escolhas. Trata-se, portanto, da construção a partir do relato da vivência de um outro eu, mas que ainda assim traz em seu discurso marcas enunciativas que revelam atos coletivos, que permitem às leitoras a identificação com o que é narrado.

Imagem 8: Whitney



Fonte: <https://www.facebook.com/carolrossettidesign/>

No tópico *Moda*, Carol afirma que optou por abordá-la a partir de uma perspectiva de empoderamento e liberdade. Nesse sentido, ela busca retratar mulheres dos mais

variados estilos e apresenta situações em que elas são reprimidas por suas escolhas relativas à aparência.

É natural querermos nos sentir bem em nossas vestimentas, mas muitas vezes isso nos parece difícil, considerando a infinidade de regras do que podemos ou não podemos fazer e a modelagem disponível. Minha proposta procura incentivar uma moda mais inclusiva, que valorize os diversos corpos e identidades femininas, criando possibilidades e alternativas para todas as mulheres. (ROSSETTI, 2015, s/p).

Assim conhecemos Laura (ver Imagem 9), uma mulher fictícia que não se sente confortável com a “moda feminina”. Este retrato foi escolhido por apresentar uma temática que vem sendo amplamente discutida em estudos de gênero. Afinal, roupa tem gênero? Neste caso, entendemos a artista aciona o *ethos* discursivo a partir da narração do eu-mulher que questiona a idéia de gênero na moda. Laura pode representar tanto uma vivencia de Rossetti como de outra mulher, é mais uma vez a narrativa de um indivíduo para dizer sobre atos de um coletivo, com os quais pode haver identificação.

Imagem 9: Laura



Fonte: <https://www.facebook.com/carolrossettidesign/>

Sobre as *Identidades*, Carol discute questões como sexualidade, gênero, valores e crenças. Segundo a ilustradora, um dos pontos principais sobre estas questões é entender que sexualidade e orientação sexual não são uma escolha.

Aproveito ainda para questionar algumas expectativas relativas às questões de gênero, idade e comportamento que podem ser extremamente limitadoras para algumas pessoas. **O objetivo aqui é incentivar todos a aceitarem sua própria identidade e não se sentirem inseguros ao expressá-las. Ninguém deveria ser julgado por ser apenas quem é.** (ROSSETTI, 2015, s/p, grifos da autora).

Nesta seção ela apresenta Rashida, Cris e Cléo (ver Imagem 10), três mulheres fictícias de diferentes etnias e religiões, que tem de lidar com o preconceito e a opressão de suas famílias por se identificarem com feministas. Em conjunto a esta imagem, Carol adiciona um comentário no livro dizendo que esta foi a primeira em que ela utilizou a palavra “Feminismo”, e fala sobre o caráter negativo atribuído a ela, bem como o medo que ela desperta nas pessoas. Talvez por isto, diz, o projeto não teria alcançado tanta popularidade se ela se reconhecesse como feminista desde as primeiras ilustrações. Aqui, Rossetti encena, então, o *ethos* discursivo para dizer sobre uma vivência pessoal para legitimar os dizeres do “retrato” em questão. Trata-se, desta forma, de uma narrativa vivencial, mas apresentada a partir do relato da história do outro.

Imagem 10: Rashida, Cris e Cleo



Fonte: <https://www.facebook.com/carolrossettidesign/>

No tópico *Escolhas*, Rossetti fala sobre o ainda existente controle na autonomia de escolha das mulheres em relação ao âmbito da vida pessoal, como profissão, casamento, família e atividades diversas. Controle este que, nem sempre, está explícito, podendo aparecer travestido de opinião. Pra ela, não é papel do feminismo criticar estas escolhas pessoais das mulheres, desde que elas aconteçam de forma deliberada e não atinjam a liberdade de outros.

Reduzir mulheres a “vítimas do sistema” quando tomam decisões ou expõe ideias que não concordamos é ignorar a consciência e a responsabilidade de cada uma. E talvez isso seja apenas mais uma forma de julgar as mulheres em suas decisões individuais. **Todos deveriam se sentir livres para fazer as próprias escolhas, e estas não são válidas apenas quando concordamos com elas** (ROSSETTI, 2015, s/p. grifos da autora).

Neste contexto, Carol nos apresenta Rachel (ver Imagem 11), uma mulher fictícia que representa tantas outras ao se sentirem pressionadas para fazer sexo sem vontade. Tanto na apresentação do tema quanto na obra, Rossetti narra a vivência de Raquel de forma a

construir sua identidade a partir da narração. Trata-se, portanto de um relato individual, mas com atos de coletivo, uma vez que provoca a identificação de muitas leitoras.

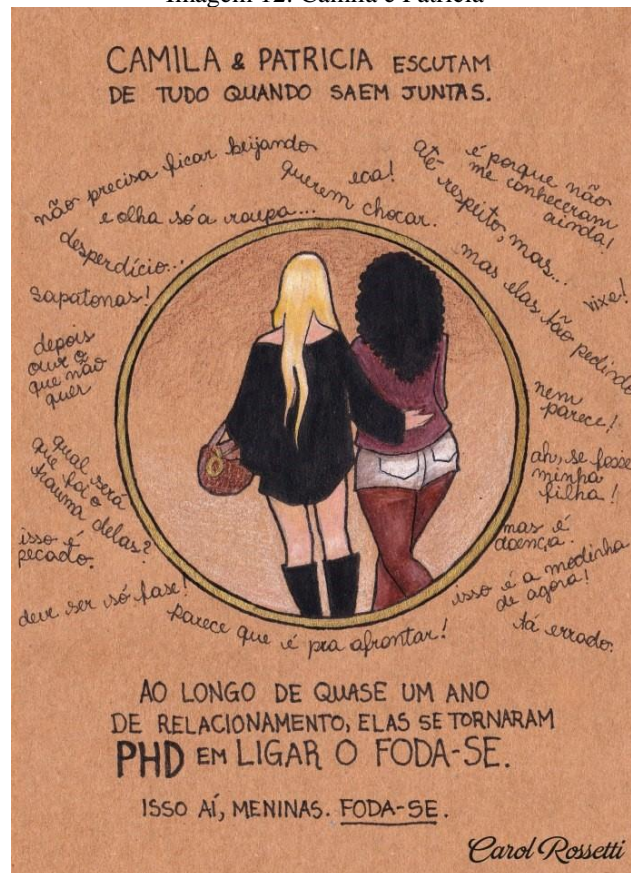
Imagem 11: Rachel



Fonte: <https://www.facebook.com/carolrossettidesign/>

Na parte em que trata de *Amores*, Carol fala da repressão sofrida quando se quebra expectativas tradicionais. E cita a importância da representação diversa na mídia das relações amorosas. Neste contexto, conhecemos Camila e Patrícia (ver Imagem 12), um casal de meninas. No “retrato”, vemos os tipos de comentários e “opiniões” que casais gays escutam diariamente. Especificamente neste caso, as personagens aparecem de costas e/ou sem “rostos”, o que entendemos como uma tentativa da autora de dar o foco para a narrativa, e não para os indivíduos. Trata-se da narrativa de uma vivência, seja ela testemunhal ou de si, que mostra uma cena, uma parte ou unidade das experiências de um casal gay, para se referir a esta vivência como um todo.

Imagem 12: Camila e Patrícia



Fonte: <https://www.facebook.com/carolrossettidesign/>

Na última parte do livro Rossetti nos introduz mulheres *Valentes*, e fala de temas mais polêmicos como a violência e os desafios de viver com traumas e doenças. Além disso, a ilustradora aponta problemas de conscientização da sociedade e fala sobre a cultura de culpabilização da vítima.

Por fim, acho que a mensagem por trás de todas as ilustrações é que devemos estar atentos para não julgarmos as pessoas sem conhecê-las. **Todos travamos batalhas internas e enfrentamos desafios diariamente, e é importante respeitarmos o fato de que há muito mais no outro do que o que enxergamos em um primeiro momento** (ROSSETTI, 2015, s/p, grifos da autora)

Nesta seção vemos histórias de mulheres como Elisa (ver Imagem 13) e Giselle (ver Imagem 14), mulheres que sofreram diferentes tipos de abuso, mas que com tempo e apoio superaram seus traumas. Tratam-se, aqui, do que Arfuch (2003) entende como narrativa de vida como expressão da interioridade, ou seja, um reforço de que cada vivência é uma unidade da vida infinita e que apesar dos relatos de vivências sofridas, a vida e a história



destas mulheres não acabam nestas experiências. Trata-se de fragmentos de pensamentos e vivências que divergem e se complementam, mas não tem fim nestes relatos. Eles continuam, assim como suas vidas.

Imagem 13: Elisa



Fonte: <https://www.facebook.com/carolrossettidesign/>

Imagem 14: Giselle



Fonte: <https://www.facebook.com/carolrossettidesign/>

## Considerações Finais

Apesar das poucas pesquisas referentes às Mulheres e as HQs no Brasil, percebemos que há e sempre houve quadrinistas que retrataram personagens femininas desde os primórdios dos quadrinhos no País. Entretanto, devido ao uso de pseudônimos e a falta de um levantamento histórico e documental destes trabalhos, consideramos necessária uma pesquisa mais detalhada discutindo especificamente a evolução das personagens femininas, representadas por quadrinistas mulheres. Tal trabalho demanda um esforço de pesquisa maior, de estado a estado, com maior financiamento, tempo e espaço para o levantamento e análise destes dados, o que não foi possível neste artigo.

Ainda assim, podemos dizer que as mulheres quadrinistas do País estiveram sempre inseridas no cenário independentes das HQs, seja através dos *Fanzines*, que era usado desde os primórdios até os dias atuais, ou do ambiente digital, cenário onde elas conseguem visibilidade e buscam formas alternativas de publicação, como o financiamento coletivo. Percebemos também que as quadrinistas contemporâneas, assim como algumas das precursoras as quais tivemos registros das obras, abordam em seus trabalhos questões caras ao universo feminino. Com discursos feministas, as artistas brasileiras de HQ mostram em suas obras a encenação do *ethos* discursivo, para legitimar seus dizeres como eu-mulher, a fim de apresentar em narrativas autobiográficas ou vivenciais atos do coletivo a fim de despertar nas leitoras a identificação.

É neste contexto que conhecemos artistas como Carol Rossetti e sua obra *Mulheres*, objeto deste trabalho. Com uma proposta de abordagem de feminismo interseccional, Carol busca retratar de forma inclusiva e diversa mulheres em seus mais variados corpos, estilos, identidades, escolhas, relacionamentos e superações de problemas. Partindo de uma perspectiva da busca pelo empoderamento e auto aceitação destas mulheres. Entendemos, assim, que Rossetti cumpre com sua proposta de trabalho ao trazer em sua obra as características apontadas por Arfuch (2003) como inerentes às narrativas autobiográficas: variedade de vozes, identidades, sujeitos e subjetividades, tudo isto com foco em indivíduos, neste caso mulheres, em narrativas vivenciais ou de si, nas quais há, ao mesmo tempo, evidenciamentos de atos coletivos para que haja a identificação. Certamente, Carol não dá conta de atender à todas as representações de mulheres do mundo, mas seu trabalho

pode ser visto como inspiração para outras artistas a fim de buscar um cenário representativo mais diverso e inclusivo nos quadrinhos.

É importante deixar claro que este trabalho é fruto de um esforço de pesquisa inicial, que ainda tem muito a ser explorado e desenvolvido. Certamente, um artigo científico não dá conta de apontar e abordar todos os pontos possíveis em relação a mulher e a HQ, seja no Brasil ou no mundo. O que apresentamos aqui é uma visão geral do problema, e por falta de espaço algumas lacunas podem não ter sido preenchidas. Desta maneira, o presente estudo pode ser visto como motivação para trabalhos posteriores que devem levar em conta a análise prévia aqui realizada.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, Angela. Feminismo, gênero e representações sociais. In: **Textos de História**. vol 8, n° 1. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2000. p. 113-137.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2003.

BILGE, Sirma. **Théorisationsféministes de l'intersectionnalité**. Diogenè, 2009, 1(225): 70-88.

BERNARDI, Jéssica. **Aline Lemos, representação feminina e quadrinhos brasileiros**. Monografia (Bacharelado em História da Arte). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRS. Porto Alegre, 2016.

BRANCO, Lúcia Castelo; BRANDÃO, Ruth Silviano. A mulher escrita. Rio de Janeiro, Millman Edições& Casa Maria Editorial. 1989.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2014.

CONNELL, Raewyn. **Gênero: uma perspectiva global**. Tradução e revisão técnica MOSCHKOVICH, Marília. São Paulo: nVersos, 2015.

CONNELL, Raewyn. **Gênero em Termos Reais**. Tradução MOSCHKOVICH, Marília. São Paulo: nVersos, 2016.

ECKER, Stine; STEINER, Linda. Feminist Uses of Social Media: Facebook, Twitter, Tumblr, Printrest and Instagram. In: NOVAK, Alison; EL-BURKI, Immani Jamillah. **Defining Identity and Changing Scope of Culture in the Digital Age**. 2016, p. 210-227.

FONSECA, Mariamma; COAN, Samanta; HORTA, Samara. **Revista Risca!** Memórias e Políticas das mulheres nos quadrinhos. Realização Lady'sComics. 2015.

HIRATA, Helena. Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. In: **Gênero Classe e Raça**. Periódicos USP: São Paulo. 2014, p. 61-73.

KALLOL, Gangopadhyay. Women in comics: finding female voice and the tradition of comics. In: **International Journal of Multidisciplinary Research and Development**. 2015, v. 2, issue.1, p. 271 – 273. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/49.1%20(3).pdf> Acesso: 10 de Agosto de 2017.

LUYTEN, Sônia. M. B. A mulher e a História em Quadrinhos: Sua produção e Retratação no Ocidente e no Oriente. In: Anais do **VI Colóquio Internacional da Escola Latino Americana de Comunicação**, São Paulo, 2002. Disponível em: <[http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/A\\_mulher\\_e\\_as\\_Hist%C3%B3rias\\_e\\_m\\_Quadrinhos:\\_sua\\_produ%C3%A7%C3%A3o\\_e\\_retrata%C3%A7%C3%A3o\\_no\\_Ocidente\\_e\\_no\\_Oriente](http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/A_mulher_e_as_Hist%C3%B3rias_e_m_Quadrinhos:_sua_produ%C3%A7%C3%A3o_e_retrata%C3%A7%C3%A3o_no_Ocidente_e_no_Oriente)> Acesso em: Outubro, 2016.

ROBBINS, Trina. Women in Comics: An introductory Guide. In: **National Association of Comics Art Educators**. 2008. Disponível em: <<http://www.Readingwithpictures.Org/wpcontent/uploads/2008/03/women-in-Comics-an-Introductory-Course.pdf>> Acesso em: Outubro, 2016.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; VIEIRA, Marcos Fábio. De comportadas a sedutoras: Representações das mulheres nos quadrinhos. In: **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, Julho 2009. vol. 5, n°13, p. 179-197.